

# **Novela das Seis**

**Eliane Ganem**

## **Prefácio**

Este texto é uma homenagem à literatura kafkiana, e é também uma crítica que pretendi fazer aos meios de comunicação de massas, principalmente ao conteúdo dos canais de televisão. Por outro lado, “*A Metamorfose*” de Kafka serve aqui como motivo para a exploração de formas de criação que nem sempre se tornam conscientes para quem cria. Vim, de certa forma, desconstruindo o texto, mais do que construindo, e mostrando as diferentes possibilidades para a criação de um cenário, assim como as diferentes nuances que podem ser trabalhadas nos mais distintos personagens. Coloquei o conteúdo inconsciente, que em geral está por trás das mentes que criam, e os tornei conscientes através do meu próprio esforço em compreender de onde surge aquilo que escrevo. Na verdade, ao fazer isso, desloco também a narrativa para o ato de criação e levanto questões que não podem ser levemente respondidas. Por isso, a leitura deste livro é também um convite à reflexão, sugerindo mesmo que o leitor se aproprie das idéias aqui levantadas pela narrativa e exercite em si mesmo, através da sua imaginação.

No set de filmagem, Carlos olha o rio à sua margem. Meio chateado, joga pedrinhas que fazem círculos na água. Cavalinho de Carlos está próximo. Risoleta à distância chama por ele. Os dois conversam enquanto as câmeras se aproximam em close. O que você quer? - Carlos pergunta cabisbaixo. Risoleta, visivelmente chateada, responde: O que eu quero, Carlos? O que você queria, quando me convidou pra ir a Porto Alegre?

Adriana pára de escrever por um instante. Porto Alegre não é tão longe. O que eu faço agora que os dois se vão? Os personagens principais estão se afastando de toda a trama? E aí vou ter que colocar parte da novela em Porto Alegre, outra parte no Rio, mais um pedaço em São Paulo. Hiiiiiiii, pirei. Assim não vou conseguir terminar - berrou socando a mesa. Meu Deus, maldita hora que eu achei que podia escrever duas coisas tão distantes assim, na mesma época, no mesmo instante.

- Oi, mãe! Berrando sozinha?- a filha entrou em casa olhando a mãe desconfiada: - Nossa, que cara!

- Isso é hora de chegar da escola?- Adriana consultou o relógio da sala.

- E tem hora pra chegar, mãe?

- Mas se já são três da tarde e você sai ao meio-dia?

- Quê que você tem?

- Tô ficando doida!

- Por quê?

- Não consegui terminar a novela ainda. E sabe quê mais, a peça de teatro que resolvi adaptar entrou direto na minha cabeça. Kafka é demais. Tô absolutamente tomada pela barata dele.

- Hi, não entendo nada! Cadê o Gustavo?

- Deve estar lá em cima!

- Não, tô aqui na varanda! - Gustavo berrou da rede, balançando ao frescor do jardim naquela deliciosa tarde de inverno.

- Então vem cá, preciso de você! - Adriana chamou.

- Agora não, mãe, tô precisando dele mais que você! -

- Hum, que gostoso que eu sou!... - Gustavo entrou na sala. Os três se olharam e riram.

- O que você quer, minha querida... - havia criado os filhos de Adriana como se fossem seus.

- Quero que você vá à reunião de pais amanhã, aquela gente lá é muito chata, começaram a implicar comigo outra vez.

- Eu vou... pode deixar...

- Ah... que bom - a menina olhou o padrasto com um sorriso iluminado e saiu da sala feliz.

- O que há? Você tá agitada! - Gustavo agora perscrutava o olhar perdido que Adriana lançava no papel à sua frente.

- Tô enrolada. Aceitar adaptar Kafka logo agora foi besteira. Perdi o clima. É muita coisa pra uma só cabeça. Tô misturando tudo.

- Ah, entrega pros seus assistentes. A novela tá quase pronta. Agora eles que façam o resto.

- Mas não dá! Logo agora que atingi o clímax, preciso segurar a trama. Acho que vou dispensar a *Metamorfose*!

- Ah, que pena! Era tudo o que você queria. Escrever pra teatro, e logo Kafka. Pro melhor diretor! O cara vem e tá doido pra te contratar!

- Mas adaptar Kafka a essa altura do campeonato, Gustavo?

- Você pode! Você escreve bem! Que é? Tá com medo?

Adriana olhou o chão. Achou que estava confusa com a sorte que lançava em cima dela tanta fartura. Tanta gente querendo escrever uma linha do que eu faço. Sonho de tanta gente escrever pra televisão, pra teatro. Fui aceitar, por quê? Se não gosto de desafio. Tava tão bom ficar aqui sentada escrevendo essa porcaria.

- Não sei o quê que eu faço - Adriana esperava uma sugestão milagrosa.

- Escreve! É teu trabalho escrever, não é? Ficou anos e anos comendo o pão que o diabo amassou. Tá reclamando de quê, agora?

- De não poder fazer as duas coisas direito! Ah, e tem mais. Chama o Severino, que a goteira do quarto voltou.

- Esquece a goteira! Deixa que eu dou um jeito. Aliás, você devia estar trancada no escritório. Tá fazendo o quê aqui na mesa da sala?

- Lá tem uma barata imensa...

- E desde quando você tem medo de barata?

- Me lembra Kafka, e aí tudo começa outra vez. Quero escrever aqui. Aliás, tá na hora de alugar aquele apartamento pequeno no apart-hotel, só pra mim.

- Hum, você vai me deixar sozinho outra vez com esses dois? E por falar nisso, vou dar uma olhada nas crianças. Na volta você vai ler o capítulo novo pra mim.

Adriana voltou a escrever. Falava baixinho, enquanto o cenário aparecia diante dos seus olhos. Soturno. Nada de sol. Um ambiente empoeirado, próprio das baratas. Nada de narrativa, apenas sugestão de narrativa, sem diálogo. Monólogo nas melhores partes, quem bom, finalmente um monólogo. Nunca havia escrito um monólogo sequer pra nenhuma novela. Teatro é outra praia. Se bem que pra escrever uma peça é preciso muita concentração. Ao despertar pela manhã, após ter tido sonhos agitados, Gregor Samsa encontrou-se em sua própria cama transformado numa barata. Como posso sugerir esta cena? Abre a cortina. Silêncio. Uma imensa cama. Não! - Adriana pensou melhor - uma pequena cama, alguns móveis, uma cômoda, um armário estreito e alto. Um abajur na mesa de cabeceira, mas apagado. Pouca iluminação, o sol abrindo na janela. Sugestão de dia clareando. Um leve sol de outono. E aquele imenso inseto. Da platéia só se vê a silhueta, barriga pra cima e a corcova sobre o colchão. Não há cabeça à mostra, só antenas. Caixeiro-viajante, os olhos de Gregor voltam-se para a janela e os pingos de chuva despencam nas calhas. Aqui vem o primeiro monólogo, apenas o som do pensamento de Gregor, enquanto seu corpo de inseto permanece imóvel.

**Gregor** - Meu Deus! O que me aconteceu? Quem sabe é sonho! Mas se meu quarto está normal, humano, como posso estar assim tão diferente? E se eu dormisse mais um pouco? Talvez excesso de cansaço provoque esta estranheza.( tenta revirar o corpo) Mas que dor!! Se isso jamais me aconteceu. Quem sabe são os primeiros indícios de um extremo cansaço. Os serviços no escritório e mais as viagens regulares, as eternas baldeações, as refeições precárias, as amizades superficiais. Quem sabe!!! (ele coça a barriga, mas reage como se sentisse um profundo asco em fazer isso) Ai, ai, ai, que nojo de mim mesmo!

Mas o que estou fazendo? Ainda tenho muito tempo pra adaptar esse texto. A novela é mais importante. Adriana balançou a cabeça detidamente, enquanto uma parte de si mesma reafirmava convencida: Vinte e dois atores esperam. Uma equipe inteira depende de mim. São milhões de telespectadores. Muito dinheiro empatado. Se eu erro, é claro que outro assume. Mas e a crise que provoco, e o

meu nome? Adeus televisão. O que será de mim? Batalhei tanto pra chegar aqui. Um pouco de determinação agora. É a novela que eu preciso escrever. Carlos reaparece sentado sobre uma pedra ainda na beira do rio. Ele diz olhando Risoleta acabrunhado: - Sua mãe insiste em me empurrar com você pra Porto Alegre. Assim eu não fico à vontade! - câmera fecha em Carlos, ele baixa o rosto. Mexe na água. Balbucia: - Preciso de tempo. Não gosto que me empurrem pra nada! - levanta sem olhar pra Risoleta. Vai embora. Risoleta chama por ele.

Droga! Que texto ruim! Afinal, tô reclamando de quê? Se é tudo meu, argumento, roteiro... Acho que só sei fazer desse jeito. Não sei como é que dá tanto Ibope. O cara gosta da garota, os dois se apaixonam, mas descobrem um belo dia que não podem casar porque são irmãos. Aí vem a crise, a separação, pra lá na frente descobrem que na verdade não eram irmãos. Aí vem o final feliz. E como se enche lingüiça com a fofocaria. A amiga invejosa, a irmã cruel, o filho revoltado com os pais. Minha nossa, que merda a cabeça desse pessoal. Dinheiro é bom, mas o que foi que eu escrevi até hoje que tenha realmente gostado? Acho que só agora, com a *Metamorfose* do Kafka posso provar isso pra mim. Adriana olha no espelho. Não seja tão cruel assim com você mesma. A televisão tem sido seu ganha-pão até aqui. Muitas novelas, muita coisa que neguinho viu e aplaudiu como se fosse *bestseller*. Seu nome conhecido no estrangeiro. *Close* em meu perfil! - pensou olhando pro espelho. Mas não tem câmera. Estou em minha casa e o espelho está sobre o aparador do *hall*. Mas, supondo que haja uma câmera agora voltada pra mim. Há alguma coisa que você queira dizer pros telespectadores? - Adriana perguntou pra si mesma. Colocou as mãos como se segurasse um microfone, entrevistando e sendo entrevistada por duas vezes distintas que ela fazia com perfeição.

- Sim! Eu tenho adorado o fato das minhas novelas se tornarem conhecidas. Não mereço tanto, pessoal. Se sou famosa, devo a vocês o carinho com que sempre me prestigiaram.

- E quanto às suas personagens femininas? Quem é que você retrata?

- Eu retrato você, telespectadora, que está em casa. Linda, de *minhocas* na cabeça, de tricô na mão, ou de mãos abanando, assim

ó, que nem orelha de elefante. Você que é uma fofqueira, intrometida e deslavada. Pois se assiste todo capítulo desta merda que eu faço é porque se identifica.

- Nossa, a senhora tá nervosa, dona Adriana, não precisava ser tão rude. O nosso programa é apenas um programa de entrevista de gente famosa.

- Desculpe! Eu não queria ser grosseira.

- E os personagens masculinos?

- São todos machões. Que mulher brasileira, que assiste novela, gosta é de machão.

- Nossa, a senhora hoje tá impossível. O que é isso? Menopausa?

- Tem coragem de me expor assim ao ridículo em frente às câmeras? É claro que não estou na menopausa. Sou muito jovem ainda.

- Não parece! Bem, mas aqui encerro o programa de hoje. Espero que os telespectadores tenham gostado de ser insultados pela nossa entrevistada, que aqui se despede. Alguma palavra final pros seus fãs, dona Adriana?

- Mas é claro! Se esperei tanto... Meu povo querido! Vão todos à merda!

- Adriana?- Gustavo gritou lá de dentro.

Adriana deu um tchau pra si mesma diante do espelho, pegou o monte de papel escrito em cima do aparador e encontrou Gustavo na sala.

- Quer ler pra mim?

- Agora não! Tô cansada!

- É a primeira vez que diz não. Deixa ver!

Gustavo puxou os papéis da mão dela. Passou os olhos surpreso.

- Mas isso é a Metamorfose...

- Eu sei! Rasga pra mim?

- Você não prefere guardar?

- Tá uma droga! Acho que não sei fazer peça de teatro. Tantos anos escrevendo pra televisão. Televisão, você sabe, um minuto é um dinheirão! Economizo nos cenários, nas externas, nas internas. Só não economizo nos diálogos, que personagem de novela fala sem parar. São todos compulsivos

Gustavo riu. O que poderia dizer pra acalmar a mulher? Não disse nada. Puxou-a com carinho.

- Acho que você precisa descansar. Acaba logo a novela, a peça e vamos viajar. Aliás, por que você não aceita a proposta da televisão?

- Que proposta?

- Da gente ir praquela ilha deserta lá de Búzios, aquele marzão, hotel excelente. A gente descansa enquanto você se organiza. Meu trabalho tá quase terminado mesmo...

- Não gosto de lá! Gosto de ficar em casa. Aqui é tão bom. Tem tudo que a gente precisa. Os meninos não podem ir por causa da escola. De que adianta eu lá preocupada com eles.

- Tá certo! Agora me dá um tempo, vou pro estúdio gravar a trilha. Quer vir?

- Agora não! Acho que vou dar um mergulho na piscina.

- Ok! Té mais. - e saiu. Adriana olhou pro companheiro que se afastava, e sussurrando comentou com seus botões - ... e quem sabe vou ficar aqui olhando pra mim, assim torta. Parece que esqueci como se escreve, se não sei sequer que palavras botar na boca desses personagens que me esperam. Se Risoleta pelo menos pudesse me dizer o que ela quer. Carlos é uma incógnita. Jamais sei o que será dele na próxima fala. Cláudio também. Me surpreende às vezes tamanha liberdade. Se não sei sequer se sou eu que crio eles ou se eles que criam a própria história. Desconfio do final que querem pra si mesmos. Um jeito qualquer e eles se submetem à minha vontade, à vontade da maioria que assiste à novela. E no final, como sempre, a produção me pede, dá um jeito de matar o Gabriel ou de casar a Estela. Como se a vida deles fosse assim tão sem sentido, regidos por uma simples canetada. E aceito sempre. Ignoro completamente a vida que eles querem viver e determino cada passo, cada gesto, como uma invasão. Não! Na verdade são eles que deveriam me ditar o texto, se no fundo da minha alma cochicham indefinidamente. Mesmo dormindo, eu ouço o som de suas vozes que não param. E a *Metamorfose*? Suor maior foi o do Kafka, escrever com extrema exatidão a vida de uma barata. A vida, talvez, como eu

tenho vivido a minha. Rastejando pelos corredores, atrás dos diretores, atrás dos telespectadores, atrás de mim. É, mas chega dessa filosofia de jardim. O certo é sentar agora no escritório e escrever. Vamos ver!!!! Adriana arrasta então os chinelos até a sua imensa escrivaninha. Um computador moderníssimo já estava ligado, esperando quem sabe, pacientemente, que ela tivesse outro ataque.

*Gostou? O resto  
você descobre  
encomendando o  
livro em pdf.*